

Poetry slam em Portugal: disputas pós-coloniais

Maria Giulia Pinheiro

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Saru Vidal

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Cynthia Agra de Brito Neves

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ABSTRACT

O presente artigo tem como propósito discutir e analisar postagens públicas na rede social *Facebook* que apontam opiniões xenófobas sobre a cena do (i)migrante no *poetry slam* em Portugal. Tais postagens refletem pensamentos pós-coloniais de um país historicamente colonizador que se apoia na memória de um passado lusotropical e de um presente-eurocêntrico, cuja discriminação econômica, racial e de gênero ainda se faz presente. Trataremos, portanto, do *poetry slam* em Portugal à luz de disputas pós-coloniais, identitárias e sociais.

Palavras-chave: *Poetry slam* em Portugal, pós-colonialismo, afasia, reparação.

The purpose of this article is to discuss and analyze public posts on the social network Facebook that point to xenophobic opinions about the (i)migrant poetry slam scene in Portugal. These posts reflect post-colonial thoughts from a historically colonizing country that relies on the memory of a Lusotropical past and a Eurocentric present, where economic, racial and gender discrimination is still present. We will therefore look at poetry slam in Portugal in the light of post-colonial, identity and social disputes.

Keywords: *Poetry slam* in Portugal, post-colonialism, aphasia, reparation.

Introdução

O *Facebook* foi lançado em 2004, por Mark Zuckerberg, e é uma das redes sociais com maior base de usuários no mundo. Para Raquel Recuero (2009), o *Facebook* tem a característica aparente de privatização dos laços sociais entre conhecidas(os), familiares, amigas(os), colegas de trabalho, fazendo parte da “vida concreta de um indivíduo” (142), pois a comunicação mediada pelo computador corresponde a uma forma prática e muito utilizada para estabelecer laços sociais [...] no ciberespaço” (143). Por isso, analisar discursos que circulam nas redes sociais nos revela muito dos sujeitos que as utilizam.

Neste artigo, analisamos oito postagens públicas no *Facebook*, realizadas entre outubro e dezembro de 2022, em torno de um debate sobre o *poetry slam* em Portugal. A primeira postagem desencadeou uma série de respostas, ora validando, ora criticando o que foi dito. Os principais “atores sociais” dessas postagens são os chamados “*haters*”¹, isto é, aqueles que “não curtiram” o que foi postado, mais ainda, que “odiaram” o que leram, revelando assim sua resistência a temas que “tocam feridas” profundas na sociedade portuguesa uma vez que desestabilizam o “velho” padrão colonial europeu: homem, branco, cis-hétero, de classe média e alta.

As redes sociais, e aqui em específico o *Facebook*, funcionam como uma arena poderosa para confrontos discursivos, cujas batalhas não se dão apenas entre pontos de vistas divergentes, mas entre ideologias enraizadas no que consideramos parte do processo da afasia pós-colonial da sociedade portuguesa. Nas palavras de Ann Rigney (2022):

O termo 'afasia' tem sido usado para descrever essa condição, pois afeta a memória do colonialismo. Definida por Ann Laura Stoler, a afasia é uma incapacidade de compreender evidências relacionadas à violência colonial e de conectá-las às narrativas dominantes que até então moldaram as identidades europeias. Como resultado dessa afasia, grandes extensões da história foram esquecidas nas artes comemorativas, não porque seus traços foram ativamente ocultados (embora isso também possa acontecer), mas porque as pessoas, como Stoler afirma, não estavam nem conscientes de que essas 'histórias desabilitadas' haviam ocorrido ou que as pessoas afetadas sequer existiram. Como elas não se encaixavam nos 'sistemas de relevância' que definem o que é importante, elas simplesmente não eram memoráveis. (2022, 13)

A partir dessa perspectiva, verificamos as violências² interseccional e simbólica que se materializam em discursos proferidos por esses *haters* que

¹ O substantivo vem do verbo “*to hate*”, em inglês, “odiar”. Logo, os “*haters*” são aqueles que se baseiam no ódio para disseminar suas opiniões nas redes sociais.

² Segundo Slavoj Žižek (2014), a violência subjetiva é apenas um componente de um trio que inclui também duas formas objetivas de violência. Há a violência “simbólica”, presente na

reproduzem o *status quo* colonial português. Os *haters* buscam, por meio dos comentários em postagens aqui analisadas, desestabilizar emocionalmente suas(seus) “adversárias(os)” com ironias, deboches, cinismo, hostilidades, denotando falta de maturidade para “aceitar” (ou melhor, “escutar”) outros pontos de vista (Recuero 2017), e mais ainda, para reconhecer a urgência do direito à reparação histórica.

A “rivalidade” aqui descrita no meio digital está intrinsecamente ligada à cena do (i)migrante³ no *poetry slam* em Portugal. Esse evento de competição poética fundado por Marc Kelly Smith nasceu no *Chicago’s Green Mill Tavern Assemble*, em Chicago, nos Estados Unidos, em 1984. Trata-se de um jogo que envolve a palavra falada e performada pela(o) poeta, de modo a manter a plateia engajada. Diferente dos eventos de poesias convencionais, como os *saraus*, o *poetry slam* é caótico, enérgico e participativo. Chegou ao solo português em 2009, organizado por Alexandre Cortez, no *Music Box*, durante o *Festival Silêncio*, em Lisboa. Em 2013, foi criada a plataforma *Portugal Slam* que, atualmente, congrega 15 coletivos autônomos por todo o país⁴, e realiza um evento anual para selecionar a(o) poeta que competirá nos campeonatos mundiais representando Portugal.

As finais do *Portugal Slam*, de 2019⁵ a 2023⁶, foram protagonizadas por poetas (i)migrantes, quais sejam: quatro poetas brasileiros e dois poetas angolanos. Vale contextualizar que Brasil e Angola são dois países em que o

linguagem e em suas expressões, naquilo que Heidegger identificou como a “nossa casa do ser”. Essa violência não se restringe aos casos evidentes de provocação e relações de dominação social reproduzidas em nosso discurso diário; há uma forma mais fundamental intrinsecamente ligada à linguagem, à imposição de um determinado universo de significados. E há a violência “sistêmica”, que se manifesta nas consequências frequentemente catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político. Essa violência tem raízes na discriminação de raça, gênero e classe, resultando em atos de exclusão e repressão de indivíduos e grupos.

³ Grafamos “(i)migrante” para se referir tanto ao migrante quanto ao imigrante.

⁴ O número de coletivos varia anualmente. Em 2022, os coletivos participantes do *Portugal Slam* foram: *Poetry Slam Almada*, *Poetry Slam Amadora*, *Poetry Slam Aveiro*, *Poetry Slam Coimbra*, *Poetry Slam Leiria*, *Slam das Minas Coimbra*, *Slam Poeta Qu’pariu* (Loulé), *Slam Porto*, *Slam Sintra*, *Todo Mundo Slam* (Lisboa), *Slam de Torres Vedras*, *Slam Trafaria*. Houve mais eventos do gênero que não obtiveram vagas (ou por livre e espontânea vontade ou por falta de acolhimento da plataforma) na *Final Nacional de Slam*, como a *Minha Poetry Slam* (Guimarães), *Poetry Slam Odemira*, *Poetry Slam Algés* e *Poetry Slam LX* (Lisboa). Ainda outros *poetries slams* não realizaram eventos ao longo de 2022, como o *Labio Slam* (Lisboa) e o *Poetry Slam Sul*, na margem sul de Lisboa.

⁵ Em 2020, em razão da pandemia de Covid-19, não houve a competição final, mas ocorreu uma competição entre os *slams*, em que *slammasters* “competiram” entre si. Naquele ano, o *Todo Mundo Slam* (representado por Maria Giulia Pinheiro e Luís Perdigão) foi campeão.

⁶ Lucerna do Moco, Maria Giulia Pinheiro, Carol Braga, DJ Huba, Marina Campanatti e Felipe Castro. DJ Huba ficou em segundo lugar em 2021, mas venceu o nacional em 2022, e Marina Campanatti ficou em segundo lugar em 2022 antes de vencer em 2023.

poetry slam alcançou grande importância no circuito cultural, haja vista que a final nacional angolana é transmitida ao vivo na televisão e a final brasileira conta com aproximadamente 8.000 pessoas como público espectador, além de o campeonato ter ampla repercussão na imprensa alternativa. Portugal, por sua vez, soma um número considerável de (i)migrantes desses dois países⁷. Contudo, à luz do crescimento da extrema direita, há uma grande resistência em aceitar cidadãs(ãos) estrangeiras(os) das ex-colônias. Sentimento xenófobo que se reflete na recepção das performances de (i)migrantes-*slammers* nos *poetries slams* de Portugal, principalmente quando tais poetas abordam suas experiências subalternizadas, desconstruindo, assim, imaginários coloniais. Como consequência, a reação xenófoba de portugueses eclode nas redes sociais, em específico, no *Facebook*, onde comentam as performances poéticas das(os) *slammers* brasileiras(os), como mostraremos mais adiante.

O *Poetry Slam Portugal* pode ser definido em quatro fases distintas de organização, desde um modelo mais centralizado até uma abordagem mais descentralizada e colaborativa. Na primeira fase, de 2009 a 2013, o produtor Alexandre Cortez realizava o evento, já organizado e bem estruturado, contratando pessoas para funções pré-programadas; havia outros coletivos, porém, de menor expressão. A segunda fase corresponde aos anos de 2013 a 2017, em que pessoas ligadas à cena poética portuguesa e estudosas(os) da área se encarregavam da curadoria da plataforma do *Portugal Slam*. A terceira fase, de 2017 a 2020, refere-se ao período em que as(os) organizadoras(es) realizavam seus eventos separadamente e se reuniam apenas para a organização do campeonato anual. A quarta fase, do início de 2020 até ao momento atual (2023), é marcada pelas mudanças operacionais necessárias durante o período pandêmico. Nessa etapa, a plataforma *Portugal Slam* adaptou-se ao formato *online*, possibilitando reuniões virtuais, com a participação de coletivos de outras regiões do país e de Lisboa, que anteriormente não se interessavam em participar.

Além disso, coletivos liderados por pessoas (i)migrantes, como o *Todo Mundo Slam*⁸ (2019), o *Slam Coimbra* (cujas direções mudou em 2019), o *Slam das*

⁷ Vivem cerca de 31.614 angolanas(os) e 239.670 brasileiras(os) com estatuto legal de residente em Portugal, dados disponíveis em: <https://www.pordata.pt/db/ambiente+de+consulta/nova+consulta>. Acesso em out. 2023.

⁸ *Todo Mundo Slam* é o primeiro *poetry slam* pensado para e por (i)migrantes de línguas portuguesas que habitam Portugal, nesse sentido, é um campeonato internacional de poesias faladas em línguas portuguesas. Surgiu em 2019, antes de Maria Giulia Pinheiro, poeta-*slammer* brasileira e co-autora deste artigo, ser premiada a vice-campeã do *Festival Português de Poesia Falada (Portugal Slam)*. Em 2020, Maria Giulia representou o país na *Coupe du Monde de Poetry Slam*, que acontece anualmente na França desde 2007, e que conta com a presença de cerca de 20 países de todos os continentes. A poeta-*slammer* ficou em quarto lugar no campeonato, sendo a

Minas Coimbra (2020) e o *Slam Trafaria* (2021), trouxeram novas perspectivas e demandas para a plataforma, reforçando a necessidade de maior representatividade na cena do *slam*, com a presença de vozes que provocassem atritos, divergências e ruídos aos padrões de colonialidade (Quijano 2007) que ainda imperam no meio cultural do país. Desse modo, coletivos fundados e/ou geridos por (i)migrantes – principalmente, mas não só, dado o grande esforço dos coletivos já atuantes em garantir tais representatividades – passaram a defender o compromisso não apenas com a *estética* das poesias performadas, mas também com a *ética* implicada nos eventos de *slams*, de modo a não mais permitir discriminações por raça, gênero, credo, orientação sexual, nacionalidade, classe social etc., ratificando, assim, o caráter “político” e “democrático” dos campeonatos.

Essas mudanças não foram bem recebidas. Os *haters* multiplicaram-se, ora acusando as(os) *slammers* de países colonizados de “xenofobia reversa”, ou seja, contra os portugueses-colonizadores; ora manifestando abertamente seu desprazer com a presença de (i)migrantes em seu território. São *haters* que invertem discursivamente a lógica do colonizador-colonizado e se vitimizam ao reclamar que “agora” não podem mais fazer piadas contra pessoas negras e indígenas, ou ainda, que qualquer discurso de homem branco e hétero atualmente é lido como racista ou machista. Segundo argumentam, a poesia e a arte devem ser “apolíticas” e “neutras”, isto é, sem consciência político-crítica. No entanto, manifestam suas opiniões racistas, misóginas e xenófobas, refletindo o espírito colonial-moderno tão impregnado na identidade cultural portuguesa ainda hoje.

Valendo-se de uma metodologia qualitativa e interpretativista (Moita Lopes 1994), selecionamos oito postagens do *Facebook* para analisarmos neste artigo. Os textos foram postados por diferentes internautas (cujos nomes e fotos de perfil foram aqui omitidos, como rege a ética em pesquisa, sendo identificados apenas por letras alfabéticas) ao longo de três meses (entre outubro e dezembro de 2022) e tratam de questões atuais envolvendo os *poetries slams* em Portugal. Tais postagens, embora datadas e restritas a internautas antenados à cena de

primeira vez que Portugal chegou à final do mundial. A partir de então, Maria Giulia decidiu estudar a cena do *poetry slam* em Portugal, aprofundando-se no tema ainda pouco explorado no país (o estudo mais referenciado sobre o assunto é a dissertação de mestrado de Liliana Vasques, intitulada: *3, 2, 1! – O Poetry Slam em Portugal: mapeamento e análise dos primeiros anos*). Para isso, a poeta brasileira realizou 17 entrevistas, ao vivo, com *slammers* e organizadores de diversos *poetries slams* em Portugal, disponíveis no *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*. Cf. em: https://www.youtube.com/watch?v=w9uE_ewutDs&list=PLyVA_2qPFV_n_tdN1JHePRhr6RCHfBV_S, <https://www.facebook.com/todomundoslam> e <https://www.instagram.com/reel/CBgcczynBKW/>. Acesso em out. 2023.

slam, preocupa-nos pelas implicações mais profundas desse tipo de hostilidade digital enraizada nos discursos da sociedade pós-colonial portuguesa.

Esperamos que este artigo possa dar visibilidade à arena política instaurada pelos/nos *poetries slams* em Portugal no sentido de criticar a colonialidade de poder (Quijano 2007) presente no imaginário ufanista português, principalmente quando se trata de reparações históricas.

A questão da colonialidade moderna na sociedade portuguesa

Somos filhos da época e a época é política.
Todas as tuas, nossas, vossas coisas diurnas
e noturnas, são coisas políticas.
Querendo ou não querendo, teus genes têm um
passado político, tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.
O que você diz tem ressonância, o que silencia
tem um eco de um jeito ou de outro político.
Wisława Szymborska (“Filhos da época”, 2011)

A “virada decolonial” proposta pelo Grupo Modernidade/Colonialidade⁹ sugere uma revisão crítica da colonialidade¹⁰, buscando ir além da análise das estruturas das instituições para abordar o campo complexo das intersubjetividades. Walter Mignolo (2017) foi enfático ao afirmar que “A colonialidade está longe de ter sido superada”. Tal afirmação ressoa na sociedade portuguesa, em que a colonialidade — o conjunto de relações sociais, econômicas, políticas e culturais herdadas do colonialismo (Quijano 2007) — ainda persiste, exigindo um processo urgente e cirúrgico de descolonizações. Nesse contexto, podemos compreender a contemporaneidade moldada como um palimpsesto, onde as ações coloniais do passado são (re)interpretadas e (res)sentidas de diversas maneiras na sociedade pós-colonial portuguesa. O tardio reconhecimento da escravidão como um crime contra a humanidade pelas Nações Unidas (*World Conference Against Racism, Racial Discrimination, Xenophobia and Related Intolerance: Declaration*, 2001) é prova de que o processo de descolonização é lento e doloroso, mesmo que esse crime tenha sido definido como imprescritível (Sousa, Khan e Pereira 2022).

⁹ No ano de 1998, um encontro significativo, apoiado pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e realizado na Universidad Central de Venezuela, reuniu pela primeira vez Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil. Tal encontro batizou o Grupo Modernidade/Colonialidade.

¹⁰ Segundo a definição apresentada pelo sociólogo Aníbal Quijano, a colonialidade é “um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista” (2007, 93).

Consideramos fundamentais espaços de fala e de escuta, como são os *poetries slams*, em que pessoas, grupos e coletivos questionam a modernidade-colonialidade e seus ecos ideológicos provocando, assim, uma (re)conexão crítica com suas raízes, além de inaugurar um novo vocabulário que se vincula às suas “próprias memórias e legados” (Mignolo 2017, 13), criando, desse modo, um espaço-tempo de “pós-memórias”: conceito definido por Marianne Hirsch (2008), segundo o qual gerações atuais refletem marcas de experiências traumáticas “que são anteriores ao seu nascimento, mas que, não obstante, lhe foram transmitidas de modo tão profundo que parecem constituir memórias em si mesmas” (2008, 103). É fato que ainda há muitas raízes da colonialidade presentes na sociedade contemporânea, uma vez que crimes e violências coloniais deixam feridas profundas, difíceis de cicatrizar ou de serem apagadas e/ou silenciadas.

Em meio a esse processo de cicatrização, António Pinto Ribeiro (2021) destaca a importância das artes visuais e performativas, da literatura, do cinema e da música para a pós-memória, quando as gerações descendentes da herança colonial (re)interpretam, (re)equacionam e (re)criam novas linguagens históricas. No entanto, não podemos esquecer que os debates sobre as reparações históricas¹¹ têm uma cronologia intrincada na sociedade portuguesa, muitas vezes invisibilizada, como bem examinam Sousa, Khan e Pereira (2022).

Precisamente, a reparação histórica vai além da restituição material; ela exige um engajamento mais participativo na produção do conhecimento, dentro e fora da academia, “colocando em diálogo diversos saberes com vista à construção de futuros mais justos e inclusivos” (Barros e Cabecinhas 2022, 243). Nessa lógica, *movimentos artivistas* (Debord 1997) se destacam como espaços fundamentais de fala e escuta, tal como o são os *poetries slams*: eventos em que escrita poética, voz, corpo, performance e comunidade confluem, tornando a cena poética o palco para a revisão do “arquivo colonial” (Vilar 2019). É o que se pode evidenciar nos versos da poeta (i)migrante Carol Braga (2021)¹²: “o deus europeu/ acendeu a fogueira da inquisição/ me acusou/ de ingratidão/ de xingar o colonizador/ Analuiza levantou a mão e indagou:/ já colonizaram nosso povo/ e

¹¹ Não esqueçamos os ataques de ódio que Joacine Katar Moreira, historiadora e ativista política afro-portuguesa, enfrentou ao desafiar o *status quo* colonial português quando propôs que houvesse uma contextualização, inventariação, uma revisão histórica nos manuais escolares de Portugal. Discussão disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/a-antecamara-da-reparacao-historica-ou-o-perigo-dos-primeiros-passos/>. Acesso em out. 2023.

¹² Carol Braga (Recife, Brasil) campeã do 7º *Portugal Slam*, em 2021, representou o país na *Coupe du Monde de Poetry Slam* em 2022, em Paris. Seu livro *minha raiva com uma poesia que só piora* (2021) é uma das obras semifinalistas do Prêmio Oceanos 2022. Os versos supracitados no artigo são do poema “você assistiram a final do europeu?”, que consta em seu único livro.

querem colonizar também a nossa poesia?”. Luiza Romão¹³: “A COLONIZAÇÃO FOI PELO ÚTERO/ matas virgens/ virgens mortas/ A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO”¹⁴.

Fernanda Vilar (2019) e Neves (2017, 2023) destacam que os temas abordados nas poesias das(os) *slammers* refletem as preocupações da sociedade contemporânea ao interrogar *tabus* como (i)migração, racismo, sexismo e colonialismo. “O racismo é uma das heranças coloniais mais persistentes, e seu antídoto está sendo preparado por esta geração que compreende a riqueza de suas diversas origens e consegue trabalhar diferentes subjetividades pela afirmação de sua alteridade” (Vilar 2019, 12). Os eventos de *slams* concedem vez e voz a corpos pretos, pobres e periféricos, a pessoas historicamente subalternizadas (Neves 2023) diante da (geo)política mundial, opressora e colonialista por excelência. São, portanto, espaços de reparação aos grupos socialmente excluídos do poder que têm o direito à fala e à escuta na arena do *slam*. O papel da memória, aqui, significa “a responsabilidade ética de nunca esquecer” (Sousa, Khan e Pereira 2022, 11).

Mesmo diante das resistências performadas nas cenas dos inúmeros *poetries slams* espalhados em países da América Latina, do continente africano e nas periferias europeias (Vilar 2019), o *status quo* colonial-moderno da sociedade portuguesa persiste. Nas palavras da poeta-*slammer* brasileira Atërg (2022)¹⁵, “quando estamos no palco, somos ouvidas, mas depois a realidade é esta: a xenofobia”. Em seu depoimento¹⁶, a artista expõe o espírito colonizador de Portugal, denunciando, principalmente, as violências que as mulheres (i)migrantes brasileiras¹⁷ sofrem em seu cotidiano naquele país. Exemplo disso foi quando se deu a criação do coletivo *Slam das Minas* em Coimbra, o que provocou retaliação imediata dos portugueses, dentro e fora das redes sociais.

¹³ Luiza Romão foi vice-campeã brasileira de *Poetry Slam (Slam Br)* em 2014 e vencedora do prêmio Jabuti de literatura em 2022, com seu livro: *Também guardamos pedras aqui*. Os versos aqui citados são da poesia “Nome Completo”, publicado no livro *Sangria* (2017). A *slammer* concluiu seu mestrado em 2022, com a pesquisa *Microfone em chamadas: slam, voz e representação* na Universidade de São Paulo. Vale ressaltar a significância de uma poeta do movimento do *slam* receber o maior prêmio da literatura brasileira.

¹⁴ Performance disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rFrGrzsxY-8>. Acesso em out. 2023.

¹⁵ GRETA, também conhecida como Atërg, é uma artista multidisciplinar e co-fundadora do coletivo *Slam das Minas Coimbra*.

¹⁶ Compartilhado em entrevista com Saru Vidal, co-autora deste artigo, para fins de sua pesquisa de doutorado.

¹⁷ Com o intuito de denunciar atos de xenofobia e oferecer apoio a mulheres brasileiras no exterior foi criado o projeto “Mulheres brasileiras não se calam!” que circula nas redes sociais de Portugal. Cf.: https://www.facebook.com/brasileirasnaosecalam/?locale=pt_BR e <https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/>. Acesso em out. 2023.

Tal fato nos levou a questionar: o que então não querem que seja falado? Ou escutado? Ou (re)lembrado? Ou mudado? Como nos ensinou Grada Kilomba (2021) em uma performance ao vivo¹⁸, o ato de não-escutar é uma forma de apagar a existência da outra pessoa. Por que os discursos decoloniais¹⁹ incomodam tanto portugueses? É o que procuraremos discutir na seção seguinte, a partir das postagens no *Facebook*.

A arena do *Facebook*: colonizador vs. colonizado

A primeira postagem é datada de 25 de outubro de 2022:

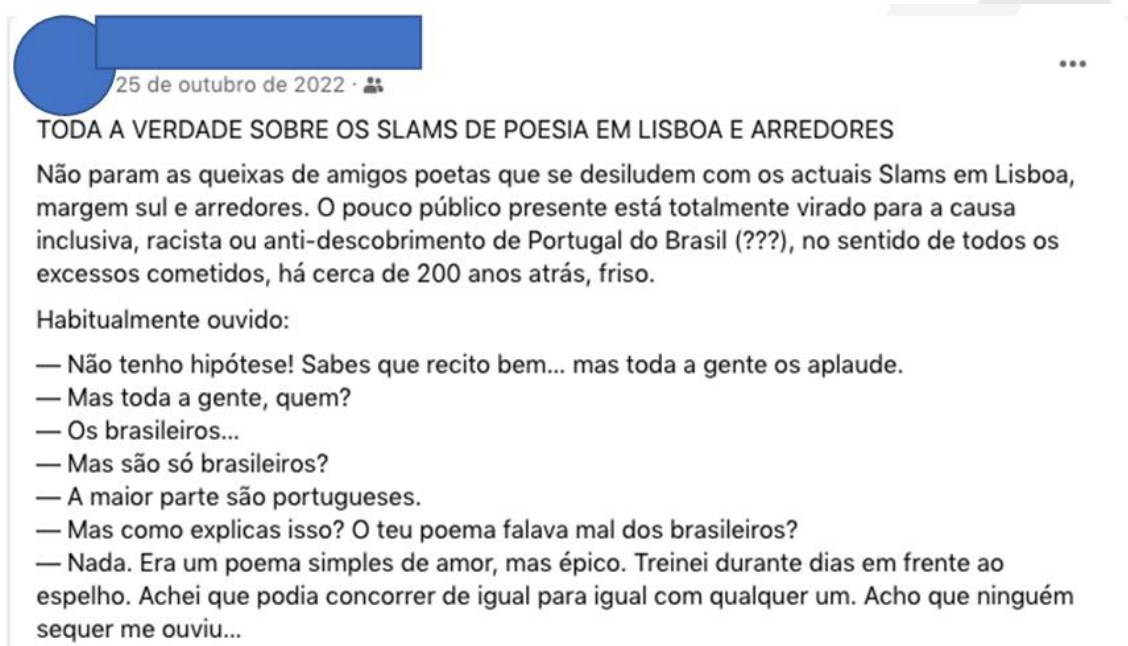


Figura 1: Primeira postagem de AP no *Facebook*

A provocação é explicitada logo no título em tom irônico: “Toda a verdade sobre os slams de poesia em Lisboa e arredores”. Toda a verdade? Ela existe? Em seguida, o “textão” expõe “as queixas de amigos poetas” desiludidos com os *slams* lisboetas e dos arredores porque o “pouco público presente” nos eventos reivindica causas inclusivas, antirracistas e antidescobrimento do Brasil por Portugal. O autor da postagem (aqui nomeado de AP) acrescenta três interrogações entre parênteses após o enunciado, colocando em xeque a relação colonizador vs. colonizado, fazendo questão de frisar, anacronicamente, que

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>. Acesso em out. 2023.

¹⁹ Optamos por registrar “descolonização” quando nos referimos ao processo ainda em curso, e grafamos “decolonialidade”, sem o prefixo “des”, para marcar que não compactuamos com a ideia de que a “colonialidade” foi “des”feita.

“todos os excessos cometidos” foram “há cerca de 200 anos atrás”. Então, para ele, o tempo deveria curar as feridas da violência colonial e apagar as violações e crimes cometidos? Por fim, AP simula um diálogo para justificar ao seu suposto interlocutor que seus poemas não falam mal de brasileiros, afinal, ele compõe poemas “de amor, mas épico” (poemas que, por sinal, são bastante misóginos, como analisaremos posteriormente), mesmo assim, sequer foi escutado.

AP, que ainda acredita na “aura do poeta”, procura se justificar ao confessar que “nada tem contra brasileiros nem contra os pretos”. De acordo com Lilian Thuram (2020, 13), “aquele que está em posição dominante é tão confortavelmente situado em seu direito, sempre no centro, sempre em seu lugar, que se percebe e se considera a norma. Os brancos estão nessa situação, assim como os homens ainda estão em relação às mulheres”. Logo, a branquitude habituada a não ter a sua identidade questionada, quando é confrontada, considera racismo e xenofobia reversos os discursos antirracista e anticolonial, negligenciado as violências sofridas por pessoas negras, indígenas e marginalizadas. É considerado violento quem denuncia, não quem comete a violência. Na continuação da postagem, escreve:

Feito este prelúdio:

Reparem que nada tenho contra os brasileiros. Muito menos tenho contra os pretos, que completamente certos, espetam facas no racismo, porque ele existe e está todos o dias presente, ainda, em Portugal. Mas um slam de poesia não pode ser só feito destas causas. A poesia é muito maior. A poesia é o Porto onde abarcam todas as causas. TODAS elas maiores, incluindo essas e outras lutas. Mas atenção, a poesia não tem de ser uma luta. A poesia, é o teu pensamento apenas, expressado da forma que quiseres. Mas neste momento, nos slams, há um monopólio do ódio. É a única forma de ser ouvida e pelas suas claques. Há Juveleus e No Name Boys nos slams. É uma tristeza absoluta.

A grande verdade é que quem teve o (G)rande Slam em Portugal foi o [Alex Cortez](#) no Music Box, com um público vasto, de todas as cores, todos os géneros, que prezava todas as origens da poesia, fossem elas de saudade, contemplação, intervenção, irónica, humor, escárnio, ou simplesmente de amor, em qualquer forma dita — rap, cantada, ou simplesmente recitada. Foi a era de ouro que ele lançou. Talvez o Alex, não fosse o pioneiro (não sei), talvez não o tenha criado em Lisboa, mas o que é certo é que ele espoletou o Slam, para que outros (e muito bem) aproveitassem o nicho aberto. Foram noites magníficas no Music Box, com um palco refletido por um relógio enorme no fundo, com o tempo dos 3 minutos a passar, com um júri constituído por pessoas ligadas à cultura, ao jornalismo, um apresentador com classe, números à mistura e claro, o próprio público, que enchia o espaço, a <<pagantes>>. Era um espectáculo. Sempre que não participava, pagava para assistir.

Infelizmente o Alex deixou de realizar os Slams por volta de 2017 e as noites de slam de poesia em Lisboa, com o tempo, na sua grande maioria, para não dizer todas, tornaram-se depois espaços de vingança, ódio e ressentimento, muito mais sentidas depois da pandemia, mas ainda antes desta. Não sou um lutador, muito menos farei disto uma luta, mas comigo não contarão para participar nesta história triste, que só pode corroer-se a si mesma até se desvanecer nas cinzas do incêndio que promove e só poderá descansar em paz num sepulcro algures, no cemitério do Alto de São João, quando as cinzas de todo o excesso de todas estas lutas identitárias pousarem, porque o cemitério dos Prazeres está dedicado aos verdadeiros Poetas.

Figura 2: continuação da primeira postagem de AP no *Facebook*

O último parágrafo foi uma piada. Uma piada!
 Espero, caros leitores, que saibam o que é isso e se possam rir com a ironia, um dos ingredientes da poesia, porque nem todos são ódio e alguns são sal, e sem ele, tudo fica insosso, como provavelmente a vossa vida e não aquela que gostariam de ter. Mas isso é outra história. Voltaremos a isso um dia destes.

Figura 3: continuação da primeira postagem de AP no *Facebook*

Ao tentar definir poesia de uma maneira ampla e universalista (“A poesia é muito maior. A poesia é o Porto onde abarcam todas as causas. TODAS elas maiores, incluindo essas e outras lutas”), o autor da postagem (AP é poeta-*slammer* português) a reduz: “Mas atenção, a poesia não tem de ser uma luta. A poesia, é o teu pensamento apenas, expressado da forma que quiseres”. Invertendo os fatos, AP acusa o colonizado de promover discursos de ódio: “Mas neste momento, nos *slams*, há um monopólio do ódio [...]”. Para ele, por volta do ano de 2017, os *slams* em Lisboa, “[...] na sua grande maioria, para não dizer todas, tornaram-se [...] *espaços de vinganças, ódio e ressentimento*, muito mais sentidas depois da pandemia, mas ainda antes desta.” E a culpa, acusa, é das(os) poetas-*slammers* brasileiras(os), ressentidas(os) e vingativas(os), que insistem em ressuscitar a história triste da colonização. Essa luta, esclarece AP, não é a dele (português), por isso deseja que ela descanse “em paz num sepulcro algures, no cemitério do Alto de São João, quando as cinzas de todo o excesso de todas estas lutas identitárias pousarem, porque o cemitério dos Prazeres está dedicado aos verdadeiros Poetas” (com “P” maiúsculo). Esse final é um claro deboche que o autor da postagem define como “ironia poética”. Além disso, fica evidente a tentativa de enterrar a história colonial, evitando criticar aspectos que são inconvenientes para ele, português.

No mesmo texto, AP despeja a sua nostalgia lusotropicalista dos “velhos tempos” do *poetry slam* no *Music Box*: “o (G)rande Slam em Portugal [...], com um público vasto, de todas as cores, todos os géneros, que prezava todas as origens da poesia, fossem elas de saudade, contemplação, intervenção, irónica, humor, escárnio, ou simplesmente de amor, em qualquer forma dita – rap, cantada, ou simplesmente recitada”. Na sequência, o seu discurso supostamente inclusivo revela seu preconceito elitista e sua intolerância ao lembrar os antigos *poetries slams* em Portugal, quando o evento contava “com um público vasto”, “foi a era de ouro”, “foram noites magníficas”, “era um espectáculo”, “com um júri constituído por pessoas ligadas à cultura, ao jornalismo, um apresentador com classe [...]” e o público que enchia o espaço era de pessoas pagantes, conclui, fazendo ressoar o velho *cliché* de que “no meu tempo era melhor”. O que foi feito por aquelas pessoas do passado (“pagantes”!) foi definitivamente melhor porque eram pessoas “cultas” e tinham “classe”, justifica AP.

A rejeição às mudanças nos eventos de *slams* portugueses, já aqui contextualizadas, deve-se à vangloriação da memória dessas heranças coloniais. Vale dizer que o que é rechaçado nessas batalhas poéticas, isto é, o excesso de “tom político” das poesias performadas, foi justamente o que as publicizou à época de sua chegada a Portugal, em 2009²⁰. Mais especificamente, a ideia de a poesia do *slam* “tratar um tema de forma crítica e espirituosa” e não se preocupar somente com seu caráter estético, que preza pelo saudosismo ao defender que “antigamente é que se sabia fazer poesia e não apenas críticas sociais”, como insinua AP, foi o tom de estreia do *poetry slam* em Portugal.

A arrogante atitude de AP, tipicamente colonial, eurocêntrica e classista, de violência objetiva (Žižek 2014), baseia-se em um sentimento de superioridade derivado da colonialidade (do passado do colonizador) em relação ao outro (o presente do colonizado). Conforme Cardim (2021, 77) explica: a “visão benigna da colonização portuguesa está de tal forma inscrita no senso-comum que muitos daqueles que propõem uma narrativa diferente são, ainda hoje, acusados de antipatriotismo, insultados e até ameaçados.” Nesse sentido, não nos surpreende que o *hater* AP tenha sido aplaudido com sua postagem, com direito a *emoticons* por muitos de seus seguidores, igualmente *haters*. O uso dos *emoticons* expressa a “apropriação dos signos da linguagem não-verbal com a finalidade de facilitar a comunicação” (Recuero 2009, 2017) e de enfatizar emoções, ideias e opiniões marcadas no texto escrito. Os amigos de *Facebook* de AP “curtem” (até mesmo com “[<3]”) o que foi dito por ele, concordando com seus comentários, e os replicando, como podemos constatar nas seis postagens a seguir:

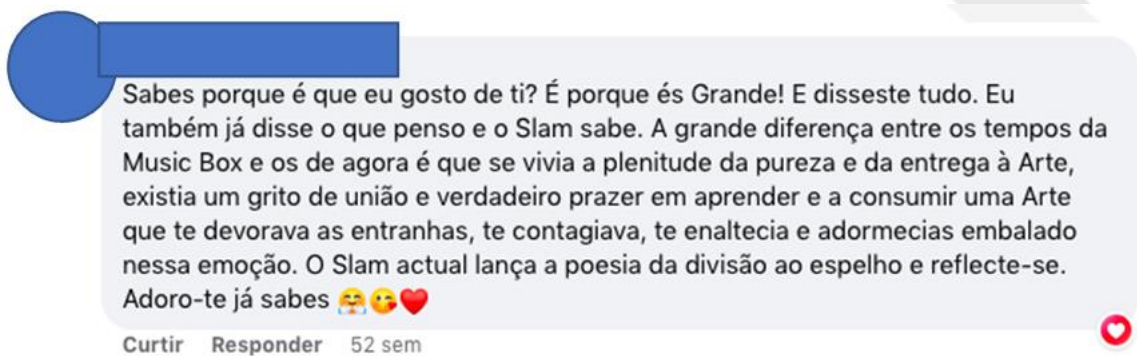


Figura 4: comentário em resposta à postagem de AP

²⁰ Na época da chegada do *poetry slam* em Portugal, em 2009, o evento chamou a atenção: “Considerado uma das mais recentes e cosmopolitas tendências da noite das grandes capitais, o *poetry slam* tem alcançado enorme sucesso nos bares de Berlim, Nova Iorque, Paris ou Londres. O conceito é simples: basta escolher um tema, tratá-lo de forma crítica e espirituosa, adicionar algumas rimas e declamá-lo de forma dramática no espaço de três minutos no palco de um clube, neste caso, o *MusicBox*’, refere a organização.” Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/05/25/culturaipilon/noticia/festival-silencio-da-voz-a-musica-e-as-palavras-1382785>. Acesso em out. 2023.



Figura 5: comentário em resposta à postagem de AP

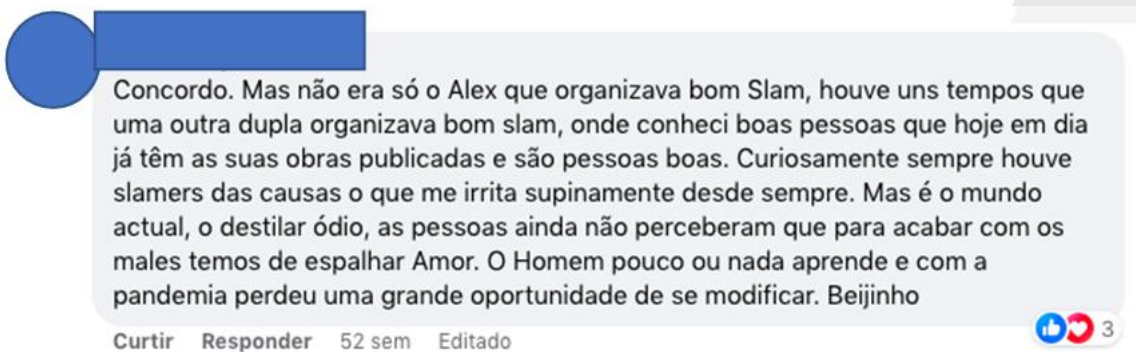


Figura 6: comentário em resposta à postagem de AP

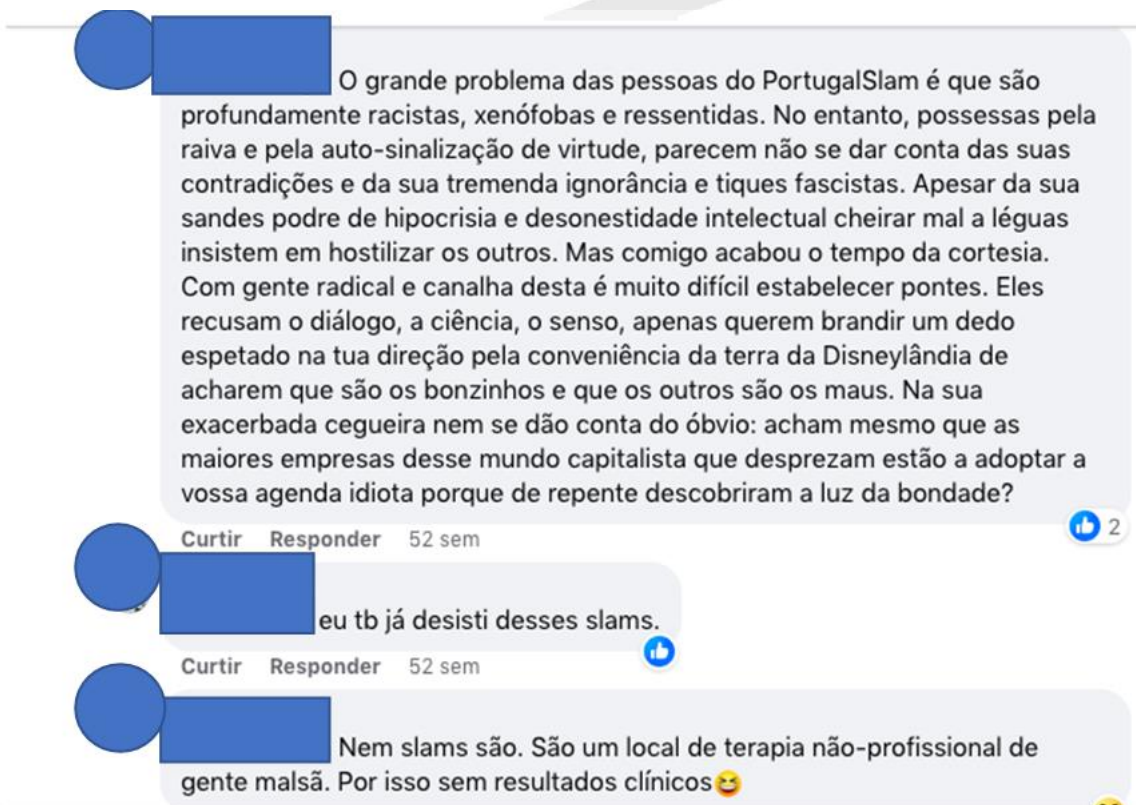


Figura 7: comentários em resposta à postagem de AP

Essas postagens-respostas ratificam o pensamento da branquitude (Bento 2022, Thuram 2020,) que acredita na xenofobia, no racismo e no colonialismo reversos. Na visão dos *haters*, poetas que participam do *Portugal Slam* seguem a “cartilha radical”, pois são: “gente radical, ignorante, xenófoba”; “*slammers das causas* [...] desde sempre, que *destilam ódio*”; são “*racistas, xenófobas e ressentidas* [...] possesas pela *raiva*”; contraditórias, ignorantes, com “*tiques fascistas*”, “*podre de hipocrisia e desonestidade intelectual*”, que “*insistem em hostilizar os outros*”; “*gente radical e canalha*”; que “*recusam o diálogo, a ciência, o senso*”, se acham “*bonzinhos*”; “*gente malsã*” etc. Ao mesmo tempo em que criticam, os *haters* revelam certo saudosismo à “*Arte*”, ao “*Slam*”, ao “*Amor*” e ao “*Homem*”: palavras assim grafadas hegemonicamente com letras maiúsculas.

Tais postagens defendem um *poetry slam* “neutro”, sem ecos de lutas ou discursos políticos, como se nos eventos realizados entre 2009 e 2017 eles não existissem, o que não é o caso. Poetas como Raquel Lima, Viton Araújo e muitas outras pessoas já faziam discussões aprofundadas (e políticas) sobre o *poetry slam* do *Music Box*, mas foram apagadas dos retratos. Atualmente, essas disputas pós-coloniais estão registradas e explicitadas nas redes sociais em postagens de *haters* sobre os *poetries slams* – comentários esses que revelam a memória eurocêntrica-colonial, pois, são nos traços mais ou menos explícitos do discurso que se exprime a “*subjetividade do narrador no interior da subjetividade de classe*” (Portelli 2013, 7).

E tudo o que é dito está em contexto. A entrelinha fala tanto quanto a linha. No contexto das redes sociais precisamos levar em conta os códigos linguísticos do ambiente virtual, porém, os mesmos *haters* que atuam nas redes sociais, agem também fora da *internet*, em seus contextos específicos (Recuero 2017). Quando atacam diretamente o *Portugal Slam*, estão questionando os *slams* protagonizados por (i)migrantes brasileiras(os), o que vai se tornando mais evidente – mas não menos agressivo – na continuidade das postagens, que repercutem até meados de dezembro de 2022. O que amplia nossa preocupação é quando tais ataques a (i)migrantes brasileiros – mas não só – extrapolam o ambiente da rede e se tornam reais e cotidianos, como temos assistido atualmente.

***Poetry slam* no Brasil e *Poetry slam* em Portugal: disputas pós-coloniais**

Poetry slam é um evento cujo formato é bastante democrático. Segundo Roberta Estrela D’Alva (2014), fundadora do primeiro *slam* no Brasil (*ZAP! Slam* 2008), o êxito é medido pela dimensão de *ágora*, dado que a prática performativa se torna uma forma de escutar *slammers* nas batalhas poéticas. Cada poeta tem três minutos para envolver o público presente e convencer as(os) juradas(os),

sem figurinos, objetos cênicos ou acompanhamento musical, sob pena de eliminação. A leitura em voz alta da poesia é permitida apenas se o suporte utilizado (folha de papel ou celular) for unicamente para esse propósito, nunca podendo ser utilizado como parte da performance. Na cena do *slam* valem poeta, corpo, voz e microfone – quando há este. Da plateia, cinco pessoas são escolhidas para atribuir notas, valendo de 0 a 10²¹ cada performance poética. A única regra é o júri não conhecer pessoalmente as(os) poetas da competição.

Não há critérios obrigatórios definidos para a avaliação das performances poéticas. O que está em jogo é a recepção da poesia performada naquele instante presente: como ela envolve, emociona, provoca, toca o público ouvinte. De acordo com Marc Kelly Smith (2009, 28), “o concurso *slam* não é uma determinação séria sobre quem é o(a) melhor poeta ou performer”. É como os(as) *slammasters* costumam repetir: “o melhor poeta não é quem ganha, é quem compete”. Nas palavras de Roach (1991, 2): “a batalha do/a poeta é consigo próprio/a. Essa luta é partilhada com o público. O/a poeta tem camadas de luta que se apressam com conselhos e felicitações, que com ele/a conspiram a produção de outras leituras”.

A audiência é o coração do *slam*: ganha quem souber conquistar a plateia. Sem a audiência, o *slam* perderia a sua dimensão de arena pública. A recepção é vital para fortalecer cada *slammer* e dar vivacidade ao evento, funcionando como um grande corpo orgânico. A(o) *slammaster*, por sua vez, desempenha um papel crucial ao envolver todas as pessoas que participam do evento poético: as(os) *slammers*, o júri, a plateia, a(o) DJ (que toca música nos intervalos entre uma e outra apresentação) e as(os) *counters* (equipe que faz a matemática do jogo). No Brasil, as reações mais comuns da plateia são gritar “*credo!*” para uma avaliação que considera baixa ou injusta, e “*pow pow pow!*” quando há uma sequência de notas dez, reação que é acompanhada com palmas, gritos, assobios ou lágrimas, a depender da emoção provocada²².

Em Portugal, nos últimos anos, os *slams* têm atraído novas(os) competidoras(es) e, conseqüentemente, novo público: sejam pessoas curiosas, amigas das(os) poetas ou mesmo pesquisadoras(es). Contudo, a nova configuração da cena poética portuguesa tem se revelado um campo minado de disputas pós-coloniais, como as postagens em *Facebook* aqui apresentadas têm demonstrado: ataques severos sustentados por narrativas hegemônicas e

²¹ A maior e a menor notas atribuídas a cada poeta caem e a média é feita somando apenas três delas. Essa foi a forma de não dar margem a discrepâncias entre as notas dos jurados. Após a primeira rodada, metade dos poetas participantes já não volta a se apresentar. Dos que voltam, apenas dois – ou três, a depender do país – passam para a rodada final.

²² Há algumas variações. No caso do *Slam Marginália*, coletivo de poetas trans e não binários, a convenção estabelecida pelo público é gritar “Bafô” em aprovação à nota, e “Uó” em reprovação.

eurocêntricas. Tal confronto pode ser justificado pela ausência de responsabilidade ética em relação aos efeitos da colonialidade, conforme sublinhado por Khan (2015, 70): “a negociação da sociedade portuguesa com outras formas de estar e ser está longe de ser algo factual, visível e táctil”.

Como bem ressalta Edward Said (1993), a maneira como formulamos o passado molda a nossa compreensão do presente. Talvez por isso um evento de *slam* que questione a colonialidade moderna incomode tanto, pois que provoca o imaginário nostálgico colonial da sociedade portuguesa. Entretanto, defendemos que é precisamente o “pacto narcísico da branquitude” (Bento 2022) luso-português e seus imaginários coloniais que precisam ser desmontados e desestruturados.

Segundo Michael Cahen (1991, 67), “as glórias e os mitos fundadores do patriotismo lusitano parecem tão necessários quanto foi o ‘saudosismo’ das ‘Descobertas’ durante os três séculos de declínio”. A maquetização do passado colonial, que glorifica invasores, navegantes e catequizadores, está nos monumentos e estátuas espalhadas por diversas cidades portuguesas, como se Portugal quisesse permanecer fixado à imagem do imperialismo português. Um exemplo recente foram as polêmicas geradas a partir das intervenções públicas, físicas e simbólicas, aos monumentos dos “Descobrimentos” em Belém, e do padre Antônio Vieira, no largo da Trindade Coelho, em Lisboa. A reação negativa dos lusitanos a esses atos políticos advindos do movimento *Black Lives Matter* (*Vidas Pretas Importam*)²³ denota seu apego à história quinhentista, e, por conseguinte, à colonização, à escravização, à catequização dos indígenas etc.

O “ranço” colonial português é constatado nas postagens que se replicaram a partir da primeira postagem de AP. Eis mais alguns exemplos da repercussão:

²³ Disponível em: <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/a-nacao-que-matou-africa-wakanda4ever-padrao-dos-descobrimentos-vandalizado-depois-de-anuncio-de-classificacao-como-monumento-nacional>. Acesso em out. 2023.

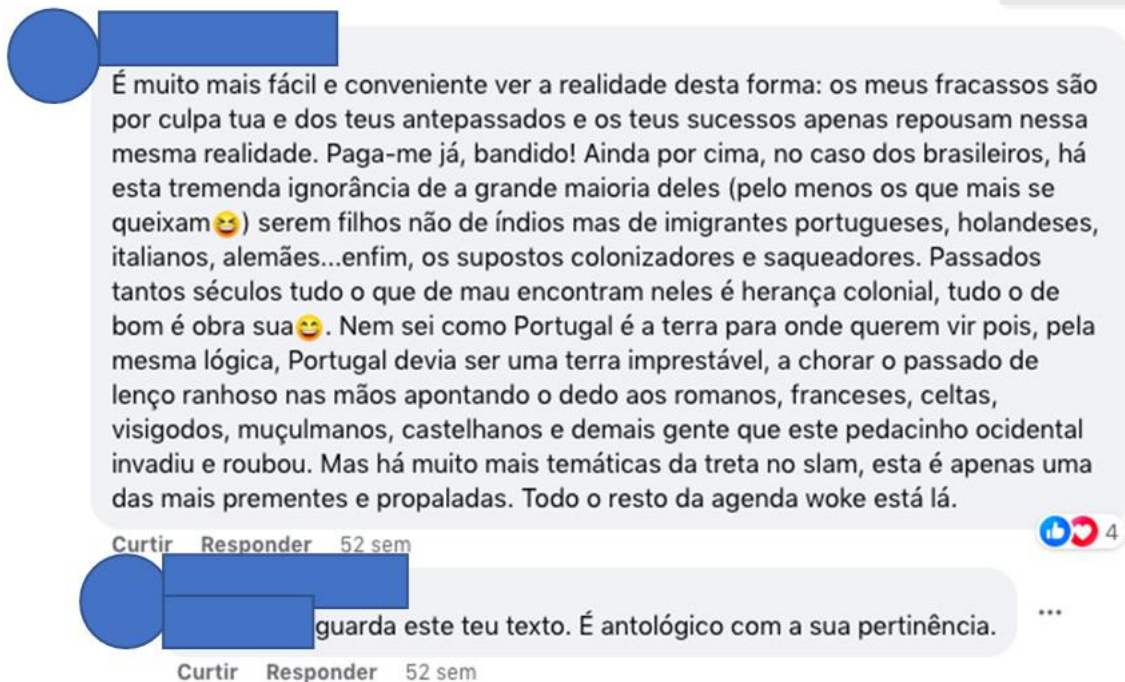


Figura 8: comentários em resposta à postagem de AP

A inversão (e invenção) da história é perigosa. Na primeira postagem acima (da Fig. 8), o autor (aqui referido como BP) argumenta que as(os) brasileiras(os) se valem do seu fracasso para acusar injustamente os colonizadores, segundo ele: “no caso dos brasileiros, há esta tremenda ignorância de a grande maioria deles (pelo menos os que mais se queixam) serem filhos não de índios mas de imigrantes portugueses, holandeses, italianos, alemães... enfim, os supostos colonizadores e saqueadores”. Nessa lógica deturpada, as pessoas brasileiras deveriam então ter orgulho de terem sido “supostamente” colonizados por europeus (portugueses, holandeses, italianos, alemães) em vez de serem descendentes de “índios”. Em seguida, BP reclama de que “passados tantos séculos”, brasileiras(os) ainda culpabilizam a “herança colonial”. E conclui ironicamente: “Nem sei como Portugal é a terra para onde querem vir [...]”.

Tais visões fazem parte do passado-presente português e, embora a nossa análise seja restrita a essas postagens públicas, as interações virtuais aqui apresentadas não estão distantes da realidade cotidiana e atual do país. A reação do *hater* acima é sintetizada nos versos da poeta preta brasileira Bell Puã (2018): “privilégio de branco rico/ é a sociedade ter mais empatia com a dor deles do que nossa dor”. De fato, a branquitude está vinculada à falta de empatia com as dores não-brancas e ao não reconhecimento de seus privilégios sociais. Postura essa que é também exemplificada nos versos da poeta brasileira Marina Campanatti (2023), campeã do *Portugal Slam* de 2023: “Sem peso na consciência/ Sem medo de incomodar/ Esse povo que vai deixando a louça suja porque sabe que *sempre tem alguém que vai lavar*”. Os *haters* portugueses cujos discursos são aqui

analisados demonstram sua incapacidade de encarar os efeitos nefastos do colonialismo, as desigualdades econômicas, sociais, raciais e de gênero que persistem na atualidade em decorrência desse passado opressor e genocida. Não reconhecem “contra-memórias” que procuram desocultar elementos de “uma história até então oculta”, desafiando “a autoridade das narrativas dominantes” (Rigney 2022, 14).

Há uma desconexão entre a retórica diplomática, multicultural e cosmopolita portuguesa e a realidade pós-colonial em Portugal. Do mesmo modo, Sandra Marchetti observa essa tendência e as suas ramificações na Europa em geral:

Em que sentido a Europa de hoje é uma Europa pós-colonial? Se pensarmos no pós-colonial como uma disposição e capacidade de se afastar substancialmente das práticas e mentalidades coloniais, então a Europa não parece estar preparada. A Europa de hoje é, na verdade, pós-colonial no sentido oposto, pois as mentalidades coloniais ainda estão vivas e operantes de várias maneiras. Isso é especialmente verdadeiro em discursos e encontros entre brancos, migrantes e negros (Marchetti 2015, 133).

Essas mentalidades coloniais, ainda vivas, se escondem por trás de um ideal de nação e de cidadania-branca que não reconhece as violências e crimes subjacentes aos monumentos que homenageiam navegadores e jesuítas, por exemplo, assim como o *hater* BP não reconhece – ou finge não saber – as consequências do projeto colonial português em África, América e Ásia. Ao comparar a colonização do Brasil com a colonização de Portugal, que, segundo ele, já foi dominada por “romanos, franceses, celtas, visigodos, muçulmanos, castelhanos e demais gente que este pedacinho ocidental invadiu e roubou”, BP não apenas duvida de que no Brasil realmente houve “colonizadores e saqueadores”, como também omite o genocídio indígena e o rentoso comércio de tráfico de pessoas escravizadas para o país, com todas as implicações criminosas da rota atlântica.

Em consonância com Sheila Khan, acreditamos que nos países colonizadores, e aqui em específico em Portugal, haja uma espécie de afasia educacional, pois “os nossos currículos não nos ensinam nada do que fomos e do que somos; as nossas instituições permanecem grandes arautos de racismo e de discriminação”²⁴. O que tememos é que o “pacto do esquecimento português coletivo” (Khan 2023), do qual falam as autoras, seja uma herança colonial perene, pois, como afirma Maria Cruzeiro (2004, 31): “somos exímios gestores do silêncio, mesmo quando falamos. Especialmente quando falamos.” Por se

²⁴ Sheila Kahn (2023) em entrevista a Clara Amante. Disponível em: <https://gerador.eu/ensaio-eu-nao-sou-o-outro-estranhos-e-ausentes-no-portugal-a-lapis-de-cor>. Acesso em out. 2023.

sustentar na construção de identidade e memória nacionais é que a afasia²⁵ se recusa a reconhecer a urgência da desconstrução da colonialidade e suas implicações. Assim, esse “Portugal afásico” reproduz a história narrada a partir da visão hegemônica do europeu, ora invertendo a relação entre algozes e vítimas, ora tratando os povos colonizados e escravizados com rancor, como constatamos nas postagens anteriores. Cardina, por sua vez, explica que:

Em primeiro lugar, deve sublinhar-se de novo a relevância das chamadas “Descobertas” na definição de uma identidade coletiva de traços épicos. Essa narrativa tem sido acompanhada pela persistência recauchutada do lusotropicalismo como modelo interpretativo da experiência colonial portuguesa. A ideia de uma excepcionalidade histórica de Portugal mantém-se viva e alimenta profusamente feixes discursivos que salientam uma vocação universalista lusa. Esta singular representação influencia a forma como (não) se recorda a violência da guerra e a sua natureza colonial, na medida em que o conflito constitui um desmentido à narrativa da salutar convivência entre povos irmãos que o processo histórico havia entrecruzado (Cardina 2020, 373).

A memória dominante portuguesa é, portanto, seletiva; nesse sentido, opta por uma retórica lusotropical e universalista, definindo como sujeito social de sua história o “homem”, “branco”, “português”, “europeu”, “cis-heterossexual”. Qualquer problematização sobre essa versão se torna uma afronta pessoal e não uma discussão política, de cunho democrático, que leve em conta múltiplas identidades, vivências e memórias. É desse modo que questões de gênero, classe e raça costumam ser apagadas da história portuguesa. Alexandre (1995) explica ainda que, no imaginário nacional português está calcada a ideia de uma nação vitoriosa na missão colonizadora e civilizadora, considerada necessária para os povos do “Ultramar”. Nessa lógica, os países colonizados seriam simples objetos de uma trajetória retilínea da história para a qual foram convocados graças aos colonizadores. Os corpos “jogados ao mar”²⁶,

²⁵ Sheila Khan afirma que a afasia pós-colonial portuguesa apaga memórias e silencia vozes sistematicamente, por meio do “desconhecimento de arquivos, experiências e memórias humanas tão relevantes quanto essenciais para entendermos que abarcar o pensamento da sociedade portuguesa requer a destreza histórica de criticamente pensar as várias camadas desta intrincada vivência maior que é o povo português dentro de um mosaico ‘colorido’ de vozes e de narrativas. A recusa de nos restringirmos a uma forma única de contar e de reformular a história de Portugal é fundamental para pensar a responsabilidade, o exercício e o papel da pós-memória no contexto português pós-colonial” (Khan 2023, 22).

²⁶ Laurentino Gomes (2019) aponta que 12 milhões e meio de pessoas foram deslocadas à força do território africano, vítimas do tráfico humano nos navios negreiros entre os séculos XV e XIX. Desse número, em território brasileiro estavam 5 milhões de escravizados africanos até 1850, quando foi proibido o tráfico pela Lei Eusébio de Queirós. O número de mortos na travessia entre o continente africano e os países escravagistas, entretanto, chega a estimativas de, ao menos, 1 milhão e 300 mil. São aproximadamente 14 cadáveres humanos, em média, lançados ao mar

entre tantas outras atrocidades humanas, são vistas como meras consequências dessa “conquista civilizatória”.

Esse imaginário, tão difundido no período Salazarista, ainda ecoa no contexto da sociedade portuguesa atual:

Sempre presentes, ao longo de século e meio, no pensamento político de elites do País, os mitos do Eldorado e da herança sagrada constituem elementos estruturais do nacionalismo português, contribuindo de modo decisivo para a importância que a questão colonial assumiu na história contemporânea de Portugal (Alexandre 1995, 50).

Note-se que o povo português no senso comum cultua o 25 de abril (da “Revolução dos Cravos”) e a liberdade conquistada pós-ditadura, mas não estabelece conexão entre o fim do período ditatorial salazariano, as invasões coloniais e as guerras anticoloniais. Tampouco problematiza a relação entre “Descobrimientos” e identidade nacional que tanto ostenta. A narrativa histórica, incompleta e seletiva, negligencia aspectos dolorosos do colonialismo e minimiza o legado do sistema colonial. A colonialidade ainda se faz presente no Portugal contemporâneo, seja em “dispositivos jurídicos, políticos, sociais e discursivos” (Cardina 2020, 387), e qualquer tentativa de discurso que ouse desfazer esse imaginário do “bom colonizador” é imediatamente banido, ainda mais quando dito por (i)migrantes do país que foi colonizado, como é o caso das(os) brasileiras(os) que habitam em Portugal; ao passo que a memória colonial é continuamente celebrada, silenciando vozes e vivências.

Discursos como esses dos *haters* AP e BP pregam uma falsa ideia de colonialismo português “benigno”, negando a escravização e o etnocídio decorrentes como crimes humanitários e, conseqüentemente, ocultando a dominação econômica e cultural imposta pelo capitalismo globalizado e o racismo estrutural:

O peso de uma história colonial negada desponta no racismo manifesto na atuação das polícias, nas políticas de habitação e segregação, nas leis de nacionalidade, etc., bem como numa autorrepresentação do país, do seu povo e do seu passado marcada pelo lastro duradouro do lusotropicalismo (Cardina 2020, 406).

A história colonial negada transborda nas conjunturas cotidianamente. No contexto dos *slams*, embora os *haters* portugueses digam prezar pela “liberdade”, “justiça” e “poesia”, isso não significa que assumam a responsabilização de quem, por longos séculos, as retirou de povos colonizados; ou seja, para eles, que

todos os dias ao longo de 350 anos. “Um número tão alto que, segundo depoimentos da época, isso mudou o comportamento dos cardumes de tubarões no Oceano Atlântico, que passaram a seguir os navios negreiros” (Gomes 2019, 12).

haja liberdade e justiça, desde que “*não os recriminares pelos seus antepassados*”, como corrobora o autor da primeira postagem (AP):

Continuando:

<<Liberdade pode ser dizer mal do passado, com toda a justiça, mas a maior liberdade é afirmares-te como tal, agora, junto dos teus pares e não os recriminares pelos seus antepassados.>>

Figura 9: continuação da postagem de AP

Dentre os comentários replicados a partir da postagem de AP, está o de outro *hater* português (nomeado de CP), que relembra o *Slam das Minas* a que assistiu no Rio de Janeiro, Brasil, em 2018. Suas impressões acerca do evento foram assim compartilhadas no *Facebook*:

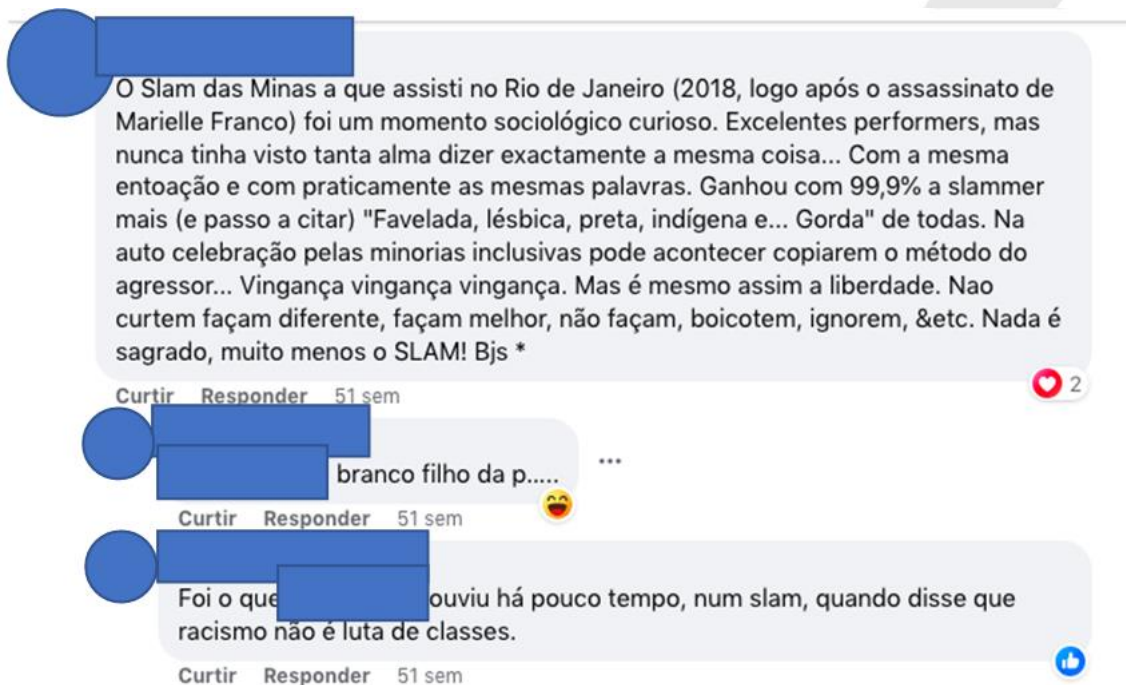


Figura 10: comentários em resposta à postagem de AP

Na leitura de CP, um português espectador do *slam* carioca (Fig. 10), o evento “foi um momento sociológico curioso”, afirma com evidente ironia, porque aconteceu em “2018, logo após o assassinato de Marielle Franco²⁷” e contou com “excelentes performers”; porém, continua indignado, “ganhou com 99,9% a slammer mais (...) *favelada, lésbica, preta, indígena e... Gorda*”. Para ele, “essas minorias inclusivas” copiam “o método do agressor” (do colonizador?) como “vingança, vingança, vingança”.

²⁷ Vereadora carioca, preta, lésbica, favelada e feminista, que foi brutalmente assassinada em 14 de março de 2018.

Tal opinião negativa sobre o *poetry slam* organizado e/ou performado por brasileiras(os) – e, principalmente, sobre as temáticas poéticas ali vociferadas – se repete em outras postagens anteriores: “Mas um slam de poesias não pode ser feito destas causas” (Fig. 2); “O Slam actual lança a poesia da divisão ao espelho e reflecte-se” (Fig. 4); “Eu também já desisti desses slams [...] *Nem slams são*. São um local de terapia não-profissional de *gente malsã*.” (Fig. 7); “Mas há muito mais *temáticas da treta* do Slam, esta é apenas uma das mais prementes e propaladas” (Fig. 8). E também nas postagens a seguir (Fig.11):

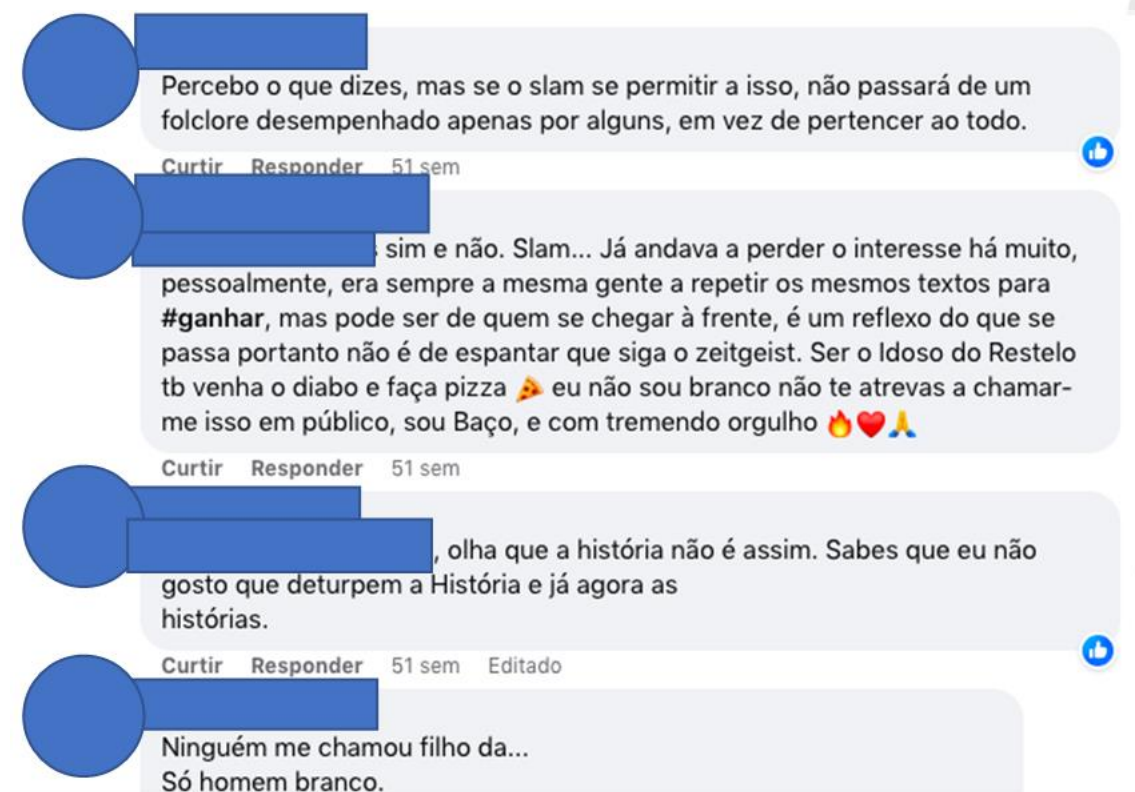


Figura 11: comentários em resposta à postagem de AP

A discussão em torno do que pode/deve ou não ser tematizado em um *slam* mereceria outro artigo. Contudo, aqui, nos interessa o comentário de CP (Fig. 10) sobre o *Slam das Minas*, em específico, quando o *hater* se refere às participantes da batalha poética como: “Favelada, lésbica, preta, indígena e... Gorda” (com “G” propositalmente digitado em letra maiúscula). Há muitos preconceitos envolvidos na repetição dessas palavras: discriminação de classe, discriminação sexual, racial e gordofobia. Todas se baseiam na *misoginia*, assim também como a poesia de AP, que encerra a primeira postagem:

Nos dias de hoje, se eu recitasse isto num slam, saía de lá sob gritos e insultos. Fiquei em segundo lugar, nesse slam.

A MULHER QUE SE DESPE

A mulher correcta diz-me pouco
No seu discurso alinhado
Segunda mão de outros dizeres
No seu porte elegante, bem vestido
Prezando sempre sem o dizer
O estatuto do seu espartilho
Adoro as que se borrifam
As que bebem e gargalham
As que sorvem cada dia como o penúltimo
Sendo o último, o da ressaca
Em que o Amor sabe tão bem
Turvo, anestesiado
Uma droga que as correctas, as bem falantes
Donas de várias verdades
Todas elas absolutas
Não conhecem, nem querem
Gosto da mulher que se despe
Que já se tenha despido muitas vezes

Agora que chegaram até aqui, espero que tenham reparado nesta bela foto minha, a única e verdadeira razão de ter publicado estas patranhas que disse.

Figura 12: poema e foto (aqui omitida) que finalizam a postagem de AP

No seu imaginário, o eu-lírico “homem”, “branco”, “hétero”, “português” deseja essa mulher que é comedida no dizer (“A mulher correcta, diz-me pouco / No seu discurso alinhado”), que se porta de modo elegante, veste-se bem, e é sedutora (“O estatuto de seu espartilho/ “Adoro as que borrifam/ As que bebem e gargalham/ As que sorvem cada dia como o penúltimo”); enfim, o poeta deseja “a mulher que se despe” e “que já tenha despido muitas vezes”.

“A estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença”, conforme formulou Stuart Hall (2016, 191). Especificamente, dirige-se contra grupos e pessoas socialmente marginalizadas, pois “o poder”, como inclui “o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação (193). Luiza Romão (2017) tem razão ao afirmar que: “A COLONIZAÇÃO FOI PELO ÚTERO / A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO!”. Sem dúvidas, o *Slam das Minas*, seja em Portugal ou no Brasil, pode e deve incomodar muito esse tipo de espectador “esquerdomacho”²⁸.

²⁸ O termo significa a apropriação ideológica por parte dos homens cis-héteros da luta contra a discriminação de gênero, de classe, de orientação sexual das mulheres.

Considerações finais

Ao adentrarmos as complexidades do *poetry slam* em Portugal, deparamo-nos não apenas com um cenário artístico em mudança, mas também com um espelho revelador das intrincadas relações pós-coloniais que moldam a sociedade portuguesa contemporânea. O epicentro do *slam*, na sua produção e recepção, desvela tensões e contradições profundas entre oposições ideológicas, posições hierárquicas e privilégios coloniais e patriarcais. Nesse contexto, emergem claramente as necessidades prementes de contestar o "pacto branco do esquecimento português coletivo" (Khan 2023, Cruzeiro 2004), de confrontar silenciamentos históricos e dismantelar falsas narrativas históricas.

Esperamos que o *Portugal Slam*, e todos os seus seguidores, se configure como uma plataforma de expressão artística que problematize questões pós-coloniais urgentes na sociedade portuguesa, podendo vir a ser, nesse sentido, um catalisador de diálogos decoloniais, críticos e construtivos.

A literatura e a poesia têm esse dever ético e estético. E nós acreditamos que espaços de fala e escuta como os *poetries slams* podem (e devem) refletir esse compromisso democrático, transcendendo a mera lembrança, a fim de garantir que as experiências traumáticas dos crimes contra a humanidade, perpetrados pelo colonialismo português, nunca sejam esquecidas. Resistir à afasia pós-colonial é um esforço que se faz presente, pois somente desafiando os silenciamentos podemos começar a derrubar estruturas pós-coloniais ainda tão enraizadas. Apostamos que na cena do *poetry slam* essas transformações históricas se tornam possíveis e desejáveis, uma vez que ganham *corpo* e *voz* nos discursos poéticos performados por *poetas-slamers*.

Bibliografia

- Alexandre, Valentim. 1995. "A África no Imaginário Político Português. Séculos XIX e XX". *Penélope* 15: 39-52.
- Bento, Cida (2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Braga, Carol. 2021. *minha raiva com uma poesia que só piora*. São Paulo: Editora Urutau.
- Campanatti, Marina. 2023. "Cantem" In *Afetos Navegantes: olhar o porto do mar*. Lisboa. Editora Urutau.
- Cabecinhas, Rosa, Barros, Miguel. 2022. "Produção de conhecimento, reparação histórica e construção de futuros alternativos". *Comunicação e Sociedade* 41, 243–258. [https://doi.org/10.17231/comsoc.41\(2022\).3719](https://doi.org/10.17231/comsoc.41(2022).3719).

- Cardim, Pedro. 2021. "O monumento ao jesuíta António Vieira, em Lisboa, e o debate sobre a "conquista" e a colonização portuguesas das terras americanas". *Língua-Lugar: Literatura, História, Estudos Culturais* 2(3): 66–82.
- Cardina, Miguel. 2020. "O Passado Colonial: do trajeto histórico às configurações da memória". In *O Século XX Português*, organizado por Fernando Rosas, Francisco Louçã, João Teixeira Lopes, Andrea Peniche, Luís Trindade e Miguel Cardina, 357-411. Lisboa: Tinta-da-China.
- Cahen, Michel. 1991. "Uma boa consciência colonial ainda necessária num país europeu moderno?". *Arquivo. Boletim do arquivo histórico de Moçambique* 9: 59-68. Disponível em shs.hal.science/halshs-03183384/document.
- Cruzeiro, Maria Manuela. 2004. "As mulheres e a Guerra Colonial: Um silêncio demasiado ruidoso." *Revista Crítica de Ciências Sociais* 68: 31-41. <https://doi.org/10.4000/rccs.1077>.
- Debord, Guy. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Estrela D'Alva, Roberta. 2014. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Gomes, Laurentino. 2019. *Escravidão – Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. São Paulo: Globo Livros.
- Henriques Castro, Isabel. 2020. *A descolonização da História: Portugal, a África e a historiografia mítica*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Hall, Stuart. 2016. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Hirsch, Marianne. 2008. "The Generation of Postmemory." *Poetics Today* 29(1): 103-128. <https://doi.org/10.1215/03335372-2007-019>.
- Khan, Sheila. 2023. "O compromisso da pós-memória no feminino: uma ecologia de saberes". *Revista ex æquo* 47: 19-34. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2023.47.03>.
- Khan, Sheila. 2015. *Portugal a lápis de cor. A sul de uma pós-colonialidade*. Coimbra: Almedina.
- Khan, Sheila. 2009. *Imigrantes Africanos Moçambicanos. Narrativa de Imigração e de Identidade e Estratégias de Aculturação em Portugal e na Inglaterra*. Lisboa: Colibri.
- Marchetti, Sandra. 2015. "Resentment at the heart of Europe. Narratives of Afro-Surinamese postcolonial migrant women in the Netherlands". In *Postcolonial Transitions in Europe. Context, practices and politics*, organizado por Sandra Ponzanesi e Gianmaria Colpani, 133-147. London: Rowman and Littlefield.
- Mignolo, Walter. 2017. "Coloniality is Far from Over, and So Must Be Decoloniality". *Afterall Journal* 43: 38-45.

- Moita Lopes, Luiz Paulo. 1994. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Revista DELTA*, 2(10): 329-338.
- Neves, Cynthia Agra de Brito, Sóstenes Renan de Jesus Carvalho. 2023. “Luiza Romão e ‘sua poema’ de resistência decolonial – Slam das Minas, presente!”. *Revista Terceira Margem* 27: 95-118.
- Neves, Cynthia Agra de Brito. 2017. “Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo”. *Linha d’Água* 30: 92-112
- Portelli, Alessandro. 2013. “O que torna a História Oral diferente.” In *A Morte de Luigi Trastulli e Outros Ensaio*, organizado por Miguel Cardina e Bruno Cordovil, 19-43. Lisboa: Edições Unipop.
- Puã, Bell. 2018. “Slam I. Narrativas de cor e dor.” Facebook, 4 Fevereiro, 2018. <https://www.facebook.com/watch/?v=162977621148762>.
- Quijano, Aníbal. 2007. Colonialidad del poder y clasificación social. In Castro-Gómez, S., Grosfoguel, R. (Eds). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, 93-126. Bogotá: Siglo del Hombre.
- Recuero, Rebeca. 2017. “O excesso no discurso de ódio dos Haters”. *Fórum linguístico* 14: 2512-2523.
- Recuero, Raquel. 2009. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Ribeiro, António. 2021. *Novo Mundo – Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Rigney, Ann. 2022. “Toxic Monuments and Mnemonic Regime Change”. *Studies on National Movements* 9: 7-41.
- Roach, Keith. 1999. “The Culture of Slam: creating community”. In *Nyfa Quarterly Summer* 69.
- Romão, Luiza Sousa. 2017. “DIA 1. NOME COMPLETO”. In *Sangria/Sangría* São Paulo: Edição do Autor: Selo do Burro.
- Smith, Marc Kelly. 2009. *Take the mic: the Art of Performance Poetry, Slam and the Spoken Word*. Naperville: Sourcebooks MediaFusion.
- Sousa, Vítor; Khan, Sheila e Schacht Pereira, Pedro. 2022. “A Restituição Cultural como Dever de Memória.” *Revista Comunicação e Sociedade* 41: 11-22.
- Szyborska, Wislawa. 2011. “Filhos da época”. In *Poemas. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien*, 9-32. São Paulo: Companhia das Letras.
- Thuram, Lilian. 2022. *Pensamento Branco*. Lisboa: Tinta-da-china.
- Vasques, Liliana Alexandra Ferreira. 2016. *3, 2, 1! - O Poetry Slam em Portugal: mapeamento e análise dos primeiros anos*. Tese de mestrado, Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/28007>.
- Vilar, Fernanda. 2019. “Migrações e periferias: o levante do slam”. *Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos* 58: 1-13.

Žižek, Slavoj. 2014. *Violência*. Barcelona: Empúries.

Maria Giulia Pinheiro é doutoranda em “Discursos: Cultura, História e Sociedade” na Universidade de Coimbra. Foi vencedora do Prêmio Nova Dramaturgia de Autoria Feminina em 2022, e 4º Lugar na Copa do Mundo de Poetry Slam, da França, em 2020, representando Portugal. Criou e coordena o Núcleo de Dramaturgia Feminista desde 2017 e diversos eventos da ativação cultural através da palavra. É autora de cinco livros de poesia e nove peças de teatro.

Contacto: www.mariagiuliapinheiro.com, paramariagiuliapinheiro@gmail.com

Saru Jorge Vidal realiza uma pesquisa de doutorado sobre o *Slam das Minas* em Coimbra e São Paulo, financiada pela FCT, no âmbito do Programa de Doutorado em Estudos Feministas na Universidade de Coimbra. Possui mestrado em Estudos Africanos (ISCTE-IUL) e graduação em Antropologia (FCTUC). É também artista multidisciplinar, utiliza a fotografia e a poesia como linguagens expressivas. Em 2023, participou do Porto Femme, com o projeto 'estecorpo'.

Contacto: saradasilva93@gmail.com

Cynthia Agra de Brito Neves é doutora e pesquisadora em Linguística Aplicada. Atualmente é docente do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Sua pesquisa está voltada a temas em didática da literatura, letramentos literários, letramentos críticos, multiletramentos e, em específico, a eventos de *poetry slam* na cena nacional e internacional. Lidera o Grupo de Estudos em Didática da Literatura (GEDLit/CNPq).

Contacto: <http://lattes.cnpq.br/7451643134701291>, cynneves@unicamp.br

Recebido: 12/12/2023

Aceito: 21/05/2024